

A FELICIDADE PARA ARTHUR SCHOPENHAUER

HAPPINESS FOR ARTHUR SCHOPENHAUER

Maria Laura Belarmino da Silva
Universidade Estadual do Paraná
Mariabelarmino431@gmail.com

Meire Aparecida Lóde-Nunes
Universidade Estadual do Paraná
meire.lode@unespar.edu.br

DOI: 10.33872/rebesde.dossie.v1n1.e003

CONTATO

Maria Laura Belarmino da Silva
Mariabelarmino431@gmail.com

Resumo: A felicidade é um tema que nos últimos anos vem ganhando destaque no cotidiano por meio das redes sociais que propagam um “imperativo da felicidade”. Neste contexto, a banalização do tema e sua complexidade nos levam a refletir a felicidade sob uma perspectiva filosófica. Entre os filósofos que se dedicaram ao tema da felicidade destacamos Schopenhauer (1788 - 1860) que tem grande influência na filosofia contemporânea. O objetivo da pesquisa é investigar o conceito de felicidade para Arthur Schopenhauer nas produções acadêmicas brasileiras. Como procedimento metodológico para a realizar o levantamento bibliográfico optou-se pelo Estado do Conhecimento conforme os pressupostos indicados por Márcia Morosini, Pricila Kohls-Santos e Zoraia Bittencourt (2021). O levantamento foi realizado no Google Acadêmico com os termos “Felicidade e Schopenhauer” no período de 4 a 10 de setembro de 2024. A análise dos artigos nos possibilitou entender que para Schopenhauer a essência da vida é sofrer interminavelmente e sua fonte, a essência em si do mundo, é a Vontade, uma energia cósmica cega e desordenada que envolve todas as coisas. Schopenhauer compreende a felicidade de modo negativo, ou seja, uma ausência momentânea do sofrimento por meio da satisfação dos desejos em uma vida de sofrimentos. Portanto, a felicidade completa e positiva é impossível, podendo atingir, no máximo, momentos relativamente menos dolorosos.

Palavras-chave: Felicidade. Vontade. Sofrimento. Schopenhauer

Abstract: Happiness is a topic that in recent years has gained prominence in everyday life through social networks that propagate a “happiness imperative”. In this context, the trivialization of the topic and its complexity lead us to reflect on happiness from a philosophical perspective. Among the philosophers who dedicated themselves to the topic of happiness, we highlight Schopenhauer (1788 - 1860), who has a great influence on contemporary philosophy. The objective of the research is to investigate the concept of happiness for Arthur Schopenhauer in Brazilian academic

productions. As a methodological procedure to carry out the bibliographic survey, the State of Knowledge was chosen according to the assumptions indicated by Márcia Morosini, Priscila Kohls-Santos and Zoraia Bittencourt (2021). The survey was carried out on Google Scholar using the terms “Happiness and Schopenhauer” from September 4 to 10, 2024. The analysis of the articles allowed us to understand that for Schopenhauer the essence of life is to suffer endlessly and its source, the essence in itself of the world, is the Will, a blind and disordered cosmic energy that surrounds all things. Schopenhauer understands happiness in a negative way, that is, a momentary absence of suffering through the satisfaction of desires in a life of suffering. Therefore, complete and positive happiness is impossible and can reach, at most, relatively less painful moments.

Keywords: Happiness. Will. Suffering. Schopenhauer



1. INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade é uma das mais antigas e universais aspirações humanas, presente em diversas culturas, filosofias e religiões ao longo da história. Já se acreditou que a felicidade dependia dos desígnios dos deuses e que uma vida de felicidade seria "superior ao nível humano", equivalente ao divino. Essa visão pode ser aplicada tanto ao sábio socrático como ao filósofo platônico, ao asceta estoico como ao sábio epicurista, ao santo católico como ao eleito predestinado de Calvino. Em todas estas visões, o homem feliz era idealizado como alguém que se aproximava dos deuses, que ultrapassa o meramente humano, que alcançara uma forma de transcendência (McMahon, 2009)

No entanto, na contemporaneidade, a felicidade é um tema que vem ganhando destaque no cotidiano por meio das redes sociais que propagam um “imperativo da felicidade”. Essa busca parece ter se transformado em uma corrida desenfreada, influenciada pela velocidade e superficialidade da era digital, que controlam as telas com promessas de fórmulas rápidas e reduzidas a momentos fugazes de prazer ou performances de sucesso exibidas online

Todavia, a Organização Mundial de Saúde (OMS) mostra números cada vez mais alarmantes do aumento dos transtornos mentais e índices de suicídio. A internet transformou nossa relação com o mundo e, conseqüentemente, com nós mesmos, como pode ser visto nos números alarmantes da OMS. As redes sociais, que inicialmente surgiram como uma forma de conexão, passaram a ditar padrões do que significa “estar bem” ou “ser feliz”. Imagens editadas, sorrisos ensaiados e narrativas cuidadosamente elaboradas criam a ilusão de felicidade universal e acessível. Como afirmou o filósofo Zygmunt Bauman, vivemos em tempos de “felicidade líquida”, onde a busca pelo prazer imediato prevalece sobre a construção de um sentido mais profundo de bem-estar.

Diante dessa realidade alarmante apresentada é necessário o cuidado com a banalização das abordagens sobre a felicidade. Simpatizamos com o posicionamento de Lenoir ao mencionar que:



Irrito-me com o uso intempestivo da palavra, particularmente nas publicidades, bem como pela abundância de obras que pretendem oferecer “receitas” prontas de felicidade. De tanto ouvir falar a torto e a direito, a questão da felicidade, desperdiçada, se torna inaudível. Por trás dessa banalização e sua aparente simplicidade, porém, a questão permanece apaixonante e remete a uma multiplicidade de fatores difíceis de se separarem (Lenoir, 2016, p.7).

A felicidade não apenas se torna um produto, mas também sofre uma banalização que pode levar ao esvaziamento de seu significado. Neste contexto, surge a importância de se abordar e refletir a felicidade sob uma perspectiva filosófica. Entre os filósofos que se dedicaram ao tema destacamos Schopenhauer (1788 - 1860), cujos pensamentos possuem influências das filosofias ocidentais e orientais. O filósofo tem grande influência na filosofia contemporânea, principalmente, com a sua tese da felicidade como a “satisfação sucessiva de todo o nosso querer”, para Schopenhauer a vida é sofrimento, “viver é sofrer”, estamos sempre em constante sofrimento, e sua fonte, a essência em si do mundo, é a Vontade, nos encontramos sempre em busca de maneiras para suprir as nossas vontades e acabar com esse sofrimento, mesmo que por um período curto de tempo.

Diante desses pressupostos, o objetivo da pesquisa é investigar o conceito de felicidade para Arthur Schopenhauer nas produções acadêmicas brasileiras.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é desenvolvida no formato Estado do Conhecimento conforme os pressupostos que Márilia Mororini; Pricila Kohls-Santos; Zoraia Bittencourt indicam no livro Estado do Conhecimento (2021).

As autoras elucidam que o Estado do Conhecimento se estabelece em quatro etapas, com base na Análise de Conteúdo em Bardin (2016), a saber: 1) bibliografia anotada: processo de leitura de resumos, extração de informações e organização de referência bibliográfica completa das produções; 2) bibliografia sistematizada: seleção direcionada ao objeto de estudo e a construção do conhecimento; 3)



bibliografia categorizada: agrupamento de publicações científicas selecionadas, por aproximação temática; 4) bibliografia propositiva: realização de inferências no tocante às publicações e temáticas analisadas. (CORRÊA, 2022)

Para a coleta dos dados utilizou a base de dados Google acadêmico, com os termos “Felicidade e Schopenhauer” no período de 16 a 23 de agosto de 2024, na busca foi encontrado 11.300 resultados dos quais foram selecionados 24 (19 artigos, 1 TCC e 4 dissertações) que correspondiam aos critérios utilizando a leitura dos títulos e resumos.

Apresentaremos os resultados subdividindo-os em: apresentação e explicação dos quadros do estado do conhecimento referente aos dados coletados; um breve resumo de cada trabalho encontrado; e algumas inferências acerca dos trabalhos estudados.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Apresentação do levantamento bibliográfico

O quadro 1 apresenta o resultado do primeiro levantamento geral realizado no Google acadêmico com os termos de pesquisa “Felicidade e Schopenhauer”. Foram encontrados ao todo 11.300 trabalhos. Realizando a leitura dos títulos e resumos (primeiro critério de inclusão/exclusão) como meio para excluir trabalhos que não se aproximavam da temática, foram selecionados 24 trabalhos. Dos 24, um foi excluído por não estar disponível completamente, totalizando 23.

Quadro 1 – Resultado geral do levantamento

Repositório	Termos pesquisados	Resultados encontrados	1ª seleção Leitura dos títulos e resumos	2ª seleção acesso ao texto completo
-------------	--------------------	------------------------	---	--



Google acadêmico	Felicidade e Schopenhauer	11.300	24	23
			CORPUS DE ANÁLISE	23

Fonte: elaborado pelas autoras

Em seguida, analisamos as classificações conforme os anos e formato das publicações, com delimitação temporal de 2000 a 2024. Para a classificação, os anos foram subdivididos em intervalos de 10 anos. Os dados do quadro 2 mostram que de 2000 a 2010 foi encontrado 1 artigo e 1 dissertação; 2011 a 2020 foram encontrados 12 artigos e 3 dissertações; 2021 a 2024 foram 6 artigos e 1 TCC. Totalizando 23 publicações divididos em 19 artigos, 1 TCC, 3 dissertações

Quadro 2 – Classificação conforme o formato das publicações

Período	Artigo	TCC	TESE	DISSERTAÇÕES	Total
2000 - 2010	1	0	0	1	2
2011 - 2020	12	0	0	3	15
2021 - 2024	6	1	0	0	7
Total	19	1	0	4	24

Fonte: elaborado pelas autoras

O período entre 2011 e 2020 destacou-se por uma intensa produção acadêmica, concentrando a maior parte das publicações registradas. Das 24 publicações totais, 15 foram realizadas nesse intervalo, evidenciando um aumento significativo na produção científica. Desse total, 12 correspondem a artigos, enquanto as 3 restantes referem-se a dissertações.

Quadro 3 - Corpus de análise

Autor	Título
-------	--------



1	Josieli Aparecida Opalchuka	A relação entre eudaimonia e dor: uma aproximação entre Aristóteles e Schopenhauer
2	Guilherme Marconi Germer	A busca da felicidade: Nosso erro, ilusão e existência fundamentais, segundo Schopenhauer
3	Catarina da Silva Souza	A percepção de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy Caruaru PE
4	Adriano costa Prado Arthur Perreira Gomes	Felicidade e sofrimento: aproximações entre Freud e Schopenhauer
5	Eli Bertos Dambros	Schopenhauer e a sabedoria “para a vida no mundo
6	Vilmar Debona	A natureza da eudemonologia de Schopenhauer
7	Anderson Gonçalves de Lemos	Os sentidos da felicidade: uma introdução ao estudo da metafísica da felicidade e da sabedoria de vida em Schopenhauer
8	Wilian dos Santos Godo	A noção de felicidade (Glück) em Schopenhauer a partir dos pontos de vista metafísico e prático
9	Karla Pinhel Ribeiro	O sofrimento na filosofia de Schopenhauer
10	Vilmar Debona	Pessimismo e Eudemonologia: Schopenhauer entre pessimismo metafísico e pessimismo pragmático
11	Simião Severino Pamplona	A possibilidade da felicidade em Schopenhauer
12	Diego Carlos Damasceno	Sobre os modos de resignação momentânea da vontade, segundo Schopenhauer
13	Thiago Ribeiro Magalhães Leite	Sobre a teoria do risível de Schopenhauer
14	Anerson Gonçalves Lemos	A “alegria estética” na reflexão sobre a felicidade em Schopenhauer
15	Anerson Gonçalves de Lemos	A Eudemonologia de Schopenhauer: um resgate do modelo ético e do estoicismo
16	Dayane Aparecida Dias de Souza	Os limites da teoria da felicidade (eudemonologia) em Schopenhauer
17	Lucas de Araújo Batista Ewerton Helder Bentes de Castro	A visão da felicidade para estudantes de psicologia de de uma universidade pública
18	Silas Duarte Lima Cristina de Souza Agostini	A importância da solidão à maior felicidade em Schopenhauer
19	Vilmar Prata Correia	A eudemonologia de Schopenhauer e sua relação com o estoicismo
20	José Lucas Coelho	A insatisfação do homem em Arthur Schopenhauer
21	Wander Andrade de Paula	O “sentido da vida” em Schopenhauer e Nietzsche
22	George Felipe Bernardes Barbosa Borges	Praecepta, decreta e a felicidade em Schopenhauer e Sêneca: um breve estudo comparativo
23	Vinicius Hoste	Considerações sobre a velhice a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer

Fonte: elaborado pelas autoras

O quadro 3 apresenta a relação das publicações selecionadas, acompanhadas de seus respectivos autores e títulos.



3.2 Síntese dos achados

Como nosso objetivo neste momento é de nos aproximarmos dos assuntos estudados sobre o conceito de felicidade em Schopenhauer passamos, na sequência, a apresentar uma síntese de cada texto.

“A relação entre eudaimonia e dor: uma aproximação entre Aristóteles e Schopenhauer”, a autora Josieli Aparecida Opalchuka apresenta a aproximação dos pensamentos de Aristóteles e Schopenhauer. A felicidade para Aristóteles só é possível para o homem virtuoso, ou seja, aquele que sabe deliberar as possíveis naturezas do bem. Já para Schopenhauer a felicidade completa e positiva é impossível, podendo atingir, no máximo, momentos relativamente menos dolorosos, o que podemos fazer é transpor aquilo que depende estritamente de nós. A autora finaliza com a comparação dos pensamentos: para Aristóteles o indivíduo tem escolha em função da dor e do prazer que pode trazer; para Schopenhauer não há uma escolha, a dor é questão de realidade e a felicidade, tendência da vida, é apenas uma interrupção ou redução do sofrimento humano.

O artigo intitulado “A busca da felicidade: Nosso erro, ilusão e existência fundamentais, segundo Schopenhauer” do autor Guilherme Marconi Germer, nos apresenta a definição de noção de felicidade para Schopenhauer como a “satisfação sucessiva de todo o nosso querer” e afirma que a tendência a ela coincide completamente com a nossa existência, cuja essência é a Vontade de viver, sendo esse o nosso maior erro e desilusão. O que pode ser comprovada pela sua fala "A felicidade repousa sempre no futuro, ou em todo caso no passado, e o presente pode ser comparado a uma pequena nuvem negra conduzida pelo vento sobre a planície ensolarada: atrás e na frente dela tudo é brilhante, apenas abaixo de si sempre há só sombra (...) É difícil conceber como alguém pode ser persuadido de que o homem exista para ser feliz.

A dissertação intitulada “A percepção de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy Caruaru PE” da autora Catarina da Silva Souza, analisa as concepções de felicidade dos professores da Escola Municipal Presidente Kennedy em Caruaru-PE, investigando a relação entre a escola e a busca pela felicidade. Utilizando



fundamentos históricos e filosóficos, tendo o Schopenhauer como um dos filósofos com as suas considerações sobre a felicidade. Conclui que a educação escolar influencia a percepção e os meios de alcançar a felicidade.

O artigo intitulado “Felicidade e sofrimento: aproximações entre Freud e Schopenhauer”, dos autores Adriano Costa Prado e Arthur Perreira Gomes, relaciona as ideias de Freud e Schopenhauer para refletir sobre felicidade, sofrimento humano e a influência da filosofia schopenhaueriana na psicanálise de Freud. Uma das aproximações entre os dois é a defesa do pensamento que nunca conhecemos o em-si dos objetos, mas apenas o seu fenômeno ou representação. Para a ideia principal do artigo, enquanto Schopenhauer vê a felicidade como uma raridade e o sofrimento como uma constante da condição humana, Freud reconhece a complexidade da busca pela felicidade dentro do contexto civilizatório, no qual o sofrimento é tanto uma consequência da natureza humana quanto das estruturas sociais.

O artigo intitulado “Schopenhauer e a sabedoria para a vida no mundo” do autor Eli Bertos Dambros, analisa a filosofia de Schopenhauer para a vida do indivíduo no mundo, situada em torno do significado da própria vida e do nosso valor enquanto seres mundanos. Utiliza como principal fonte o livro “Aforismo para a sabedoria de vida”, que teria o papel de amenizar essa visão do pior mundo possível criada por Schopenhauer, se desvia de sua abordagem metafísica pessimista para focar em reflexões sobre a arte de viver e as condições da felicidade. O autor argumenta que essa obra representa uma mudança significativa na filosofia de Schopenhauer, onde ele busca uma sabedoria prática que possa ser aplicada no cotidiano, enfatizando a valorização da "personalidade no sentido mais amplo" e a importância do conhecimento de si mesmo e do mundo.

O artigo “A natureza da eudemonologia de Schopenhauer”, do autor Vilmar Debona, explora a eudemonologia de Schopenhauer no contexto de seu pessimismo metafísico, partindo do “desvio da metafísica” que o filósofo elabora para expor a sua teoria da felicidade, destacando que a felicidade é vista como negativa, limitada à redução do sofrimento e à busca de uma vida "menos infeliz". A felicidade plena é descartada, mas Schopenhauer propõe um caminho para uma vida "menos infeliz" por meio da



prudência, autoconhecimento e redução de expectativas. Portanto, a eudemonologia é apresentada como um complemento prático à sua filosofia metafísica, focando em orientações para minimizar o sofrimento humano.

A dissertação “Os sentidos da felicidade: uma introdução ao estudo da metafísica da felicidade e da sabedoria de vida em Schopenhauer” do autor Anderson Gonçalves de Lemos, investiga sobre a noção de felicidade na filosofia de Schopenhauer, abordando duas perspectivas fundamentais: a metafísica, que examina a felicidade como uma experiência ligada à vontade e ao sofrimento, e a prática, que desenvolve uma eudemonologia voltada para a sabedoria de vida e a redução do sofrimento. O autor também explora no trabalho conceitos de felicidade. O autor apresenta que Schopenhauer, embora seja marcado pelo pessimismo metafísico, apresenta uma abordagem dual da felicidade: a felicidade como negação da dor no âmbito metafísico e como resultado de práticas prudentes e autoconhecimento no campo prático, formando uma eudemonologia que busca minimizar o sofrimento e orientar a vida humana.

O artigo “A noção de felicidade (Glück) em Schopenhauer a partir dos pontos de vista metafísico e prático”, do autor Wilian dos Santos Godo, identifica e analisa a noção de felicidade com base no pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer. São utilizadas as obras “O mundo como vontade e como representação” (1819) e “Aforismo para a sabedoria de vida” (1851). O autor afirma que o conceito de felicidade no pensamento do filósofo pode ser marcado por um antes (O mundo como vontade e como representação) e depois (Aforismo para a sabedoria de vida) do chamado “desvio da metafísica, uma mudança de perspectiva dentro de sua filosofia”. Em vez de abordar a existência humana sob o ponto de vista ético-metafísico superior, que é central em sua obra principal, ele adota um ponto de vista empírico e pragmático ao tratar da eudemonologia, para focar na experiência cotidiana e nas estratégias individuais para lidar com a vida. Do ponto de vista metafísico, a felicidade é reconhecida com um sentido negativo, já que nunca poderia ser alcançada exceto pela negação da vontade, que para o autor é a principal causa do sofrimento humano. Já no “desvio da metafísica” ainda mantém o pensamento que a felicidade permaneça impossível, mas, Schopenhauer nos apresenta possibilidade de



levarmos ao menos uma vida menos infeliz.

O artigo “O sofrimento na filosofia de Schopenhauer”, da autora Karla Pinhel Ribeiro, busca entender o conceito de sofrimento na filosofia de Schopenhauer, a autora tratou apenas do conceito do seu status a priori (essência). O filósofo teoriza que o sofrimento é a essência da vida revelando assim o status a priori que o conceito de sofrimento tem na sua filosofia. A autora, no final do artigo, propõe uma oposição ao pensamento do filósofo ao invés de pressupor com Schopenhauer que o “sofrimento é a essência da vida”, pressupõe que “a paz é a essência da vida”. E, assim, na teoria e prática enquanto sua extensão, o mundo e vida que vivemos poderiam tornar-se mais “pacíficos” – na procura de que assim nossa civilização daria mais um passo em direção a utopia.

O artigo “Pessimismo e Eudemonologia: Schopenhauer entre pessimismo metafísico e pessimismo pragmático” do autor Vilmar Debona sustenta a hipótese de que o pessimismo schopenhaueriano pode ser melhor compreendido se considerado, por um lado, como um pessimismo metafísico, e, por outro, como um pessimismo pragmático. O pessimismo pragmático, é suplementar em relação à dimensão propriamente metafísica da existência humana. Com isso, o pessimismo metafísico, que pode ser tomado pelo mote “é impossível ser feliz” (sendo possível, ao invés disso, apenas negar a vontade em graus variados).

A dissertação “A possibilidade da felicidade em Schopenhauer”, do autor Simião Severino Pamplona, explora a filosofia de Arthur Schopenhauer, focando na relação entre felicidade e sofrimento. Pamplona argumenta que o sofrimento é uma parte inevitável da vida, originada pela vontade, que nos leva a buscar incessantemente a satisfação. No entanto, ao aceitar essa realidade e renunciar a essa vontade, podemos encontrar uma paz interior que transcende as alegrias passageiras. O autor também enfatiza que a verdadeira felicidade não depende de posses ou da imagem que projetamos, mas sim da autenticidade do que somos. Assim, o trabalho convida à reflexão sobre como, mesmo diante do sofrimento, é possível buscar uma felicidade mais genuína.

O artigo intitulado “Sobre os modos de resignação momentânea da vontade, segundo Schopenhauer”, do autor Diego Carlos Damasceno, nos apresenta a filosofia de



Arthur Schopenhauer que vê a vontade como uma força que impulsiona a busca por felicidade, mas também é a fonte do sofrimento humano. Ele argumenta que a satisfação de desejos é infinita e insaciável, levando a um ciclo de insatisfação. No entanto, momentos de contemplação da arte e da natureza podem oferecer alívio temporário, permitindo que nos sintamos elevados e livres das nossas preocupações. O ascetismo é apresentado como um caminho para desapegar-se dos desejos mundanos e encontrar um significado mais profundo na vida.

O artigo “Sobre a teoria do risível de Schopenhauer” do autor Thiago Ribeiro Magalhães Leite, aborda a visão de Schopenhauer sobre o riso. Ele acreditava que rimos quando algo não faz sentido para nossa razão, mas nossa intuição percebe isso e “vence”. Apesar de ser conhecido por seu pessimismo, Schopenhauer via no riso uma forma de leveza, que nos ajuda a encarar as falhas e absurdos da vida de forma mais descontraída e até alegre. Ele acreditava que, ao rir, deixamos a razão de lado por um instante e nos conectamos com algo mais espontâneo e verdadeiro. É como se, por um momento, deixássemos de levar tudo tão a sério, além de ser prazeroso, nos lembra que há beleza e alegria na nossa própria imperfeição.

O artigo intitulado “A “alegria estética” na reflexão sobre a felicidade em Schopenhauer” do autor Anerson Gonçalves Lemos, reflete sobre a felicidade na filosofia de Schopenhauer, destacando a “alegria estética” ou “felicidade pura” como uma experiência única ligada à contemplação do belo. Diferente da “felicidade terrena”, que depende da satisfação de desejos e é passageira, a alegria estética proporciona uma satisfação positiva e hedonista, libertando a mente da servidão à vontade. Schopenhauer descreve essa experiência como um momento de paz e superação das dores existenciais, aproximando-se de uma condição moral elevada. A alegria estética é apresentada como um intermediário entre a felicidade comum e a beatitude alcançada pela negação da vontade.

O artigo intitulado “A Eudemonologia de Schopenhauer: um resgate do modelo ético e do estoicismo” do autor Anderson Gonçalves de Lemos, nos apresenta como Schopenhauer se inspirou na filosofia antiga, especialmente no estoicismo, para



desenvolver sua visão sobre a felicidade, chamada de Eudemonologia. Ele resgata a ideia de que a vida é marcada por desafios e vulnerabilidades e propõe que a felicidade está no equilíbrio emocional e na serenidade, mais do que na busca por desejos passageiros. Schopenhauer adota ensinamentos estoicos, como aprender a lidar com as adversidades e encontrar paz interior, aplicando esses conceitos de forma prática no dia a dia. Sua abordagem se distancia de uma visão puramente teórica, oferecendo uma filosofia voltada para viver melhor, baseada na sabedoria e no cuidado consigo mesmo.

O artigo intitulado “Os limites da teoria da felicidade (eudemonologia) em Schopenhauer”, da autora Dayane Aparecida Dias de Souza, analisa como Schopenhauer enxerga os limites da felicidade. Para ele, a felicidade nunca é plena ou duradoura, já que nossa existência está marcada pelo sofrimento e pelo constante desejo. Em vez de buscar a felicidade em conquistas ou na satisfação de vontades, propõe que ela pode ser encontrada em momentos de alívio da dor ou na superação da própria vontade. Sua visão é pragmática e realista, reconhecendo que viver é lidar com as dificuldades, mas também aponta caminhos para uma vida menos atormentada.

O artigo intitulado “A visão da felicidade para estudantes de psicologia de de uma universidade pública” dos autores Lucas de Araújo Batista e Ewerton Helder Bentes de Castro explora a complexidade do conceito de felicidade, discutindo as perspectivas filosóficas de pensadores como Aristóteles, Epicuro e Schopenhauer. Eles questionam se a felicidade contemporânea está ligada ao consumo material e a busca por satisfação imediata, como a fenomenologia pode nos ajudar a entender essa busca incessante por satisfação, enfatizando a subjetividade de cada indivíduo.

O artigo intitulado “A importância da solidão à maior felicidade em Schopenhauer” dos autores Silas Duarte Lima e Cristina de Souza Agostini, busca explorar a relevância da solidão na busca pela felicidade segundo a filosofia de Schopenhauer. Eles discutem como a solidão é essencial para alcançar uma felicidade de valor mais elevado, apresentando argumentos e classificações que sustentam essa ideia. Eles destacam que a solidão é vista como um elemento fundamental para a introspecção e autoconhecimento, permitindo que o indivíduo descubra sua verdadeira essência e



riqueza interior. Apresentam o pensamento de Schopenhauer que relaciona a felicidade à ausência de dor e tédio, e a solidão pode proporcionar um estado de tranquilidade que contribui para essa ausência de desconfortos. Destacam a valorização da interioridade como outro ponto importante, pois a solidão permite que o indivíduo se conecte com sua essência, sendo essencial para medir suas verdadeiras necessidades e desejos, o que é fundamental para uma felicidade autêntica. Os autores, também, mencionam a influência da natureza inata de cada pessoa que afeta sua capacidade de ser feliz. A solidão ajuda a entender e aceitar essa natureza tornando o indivíduo menos suscetível aos fatores externos que podem prejudicar sua felicidade

O artigo “A eudemonologia de Schopenhauer e sua relação com o estoicismo”, do autor Vilmar Prata Correia, apresenta alguns pontos relevantes de Schopenhauer com o estoicismo. O artigo conclui que, apesar das críticas, Schopenhauer reconhece a relevância do estoicismo para a filosofia ocidental, propondo uma leitura crítica que visa elevar o entendimento humano sobre si mesmo e o mundo. Também, enfatiza a importância de viver em harmonia com a natureza e a razão, sugerindo que a verdadeira felicidade (eudaimonia) não deve ser confundida com utopias ou idealismos. Schopenhauer defende que a virtude reside na concordância do espírito consigo mesmo, e que a busca pela liberdade e pela autocompreensão é fundamental para alcançar a felicidade.

O artigo “A insatisfação do homem em Arthur Schopenhauer” , do autor José Lucas Coelho, investiga por que o ser humano parece sempre insatisfeito, mesmo ao conquistar o que deseja, e propõe que essa insatisfação é uma consequência da incessante busca pela vontade. O artigo sugere que, para superar essa condição, é necessário olhar para fora de si mesmo e ajudar os outros, ao invés de se deixar levar pelos próprios desejos. O autor se utiliza da visão do filósofo alemão sobre a insatisfação humana, analisando como sua obra principal, "O mundo como vontade e como representação", reflete as influências de sua adolescência.

O artigo “O sentido da vida” em Schopenhauer e Nietzsche” do autor Wander Andrade de Paula, aborda como ambos os filósofos, embora diferentes, oferecem



reflexões poderosas sobre nossa busca e como lidamos com as dificuldades e contradições da vida. Schopenhauer vê a vida como algo marcado pelo sofrimento constante. Para ele, a existência em si não tem justificativa, e a única maneira de encontrar algum tipo de paz seria negar os desejos e vontades que nos prendem a esse ciclo de dor. É uma visão bastante pessimista, mas que reflete seu profundo questionamento sobre o valor da vida. Nietzsche, por outro lado, começa interessado em encontrar um sentido, mas depois rejeita completamente a ideia de que a vida precise ter um significado metafísico ou absoluto. Ele critica a visão tradicional de buscar um propósito maior e propõe algo revolucionário: abraçar o sofrimento como parte essencial da existência, usando-o como força para criar novos valores e viver com intensidade, especialmente após a “morte de Deus” e a queda das antigas certezas morais e religiosas.

O artigo intitulado “Praecepta, decreta e a felicidade em Schopenhauer e Sêneca: um breve estudo comparativo” do autor George Felipe Bernardes Barbosa Borges, explora como Schopenhauer reinterpretou o estoicismo, enfatizando sua visão pragmática e afastando-se do compromisso ético e moral da tradição estoica clássica. Ele também examina o impacto das ideias de ambos os pensadores na filosofia contemporânea. Ele destaca o interesse de Schopenhauer pelo estoicismo e a tentativa de construir uma eudemonologia baseada em máximas práticas para reduzir o sofrimento da vida, enfatizando a ideia de uma felicidade negativa, ou seja, a minimização da dor. Por outro lado, Sêneca, um expoente do estoicismo, defende que os praecepta (conselhos práticos) e os decreta (princípios filosóficos fundamentais) são complementares e essenciais para alcançar a virtude e uma vida feliz, vinculando a ação ao entendimento dos princípios filosóficos e à harmonia com a ordem cósmica.

O artigo intitulado “ Considerações sobre a velhice a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer” do autor Vinicius Hoste, analisa como o filósofo alemão aborda a velhice em sua obra. Ele relaciona a questão com dois aspectos principais: a morte e a vida. O artigo conclui que, para Schopenhauer, a velhice não é apenas uma etapa inevitável, mas um período necessário e enriquecedor, que proporciona ao ser humano a capacidade de encarar a vida e a morte com tranquilidade e sabedoria. Ao invés de



lamentar o envelhecimento, ele sugere uma aceitação positiva dessa fase como uma libertação das ilusões e das dores da existência.

4. CONCLUSÃO

A análise dos artigos nos possibilitou entender que para Schopenhauer a felicidade é a ausência momentânea do sofrimento, mas para entendermos o seu pensamento é preciso compreender sua teoria sobre a vontade e a vida humana. Ele afirma que a essência da vida é sofrer interminavelmente e sua fonte, a essência em si do mundo, é a Vontade, uma energia cósmica cega e desordenada que envolve todas as coisas. Para ele, a vontade é como uma força interna que nos impulsiona constantemente, mas que também nos mantém presos em um ciclo interminável de desejos e insatisfações. Quando alcançamos o que queremos, surge o sentimento de felicidade, nesse intervalo entre o sofrimento e a inquietude, porém, rapidamente surge outro desejo, e isso nos faz sentir que a felicidade plena está sempre fora do nosso alcance.

Portanto, Schopenhauer compreende a felicidade de modo negativo, ou seja, uma ausência momentânea do sofrimento por meio da satisfação dos desejos em uma vida de sofrimentos. A felicidade completa e positiva é impossível, podendo atingir, no máximo, momentos relativamente menos doloroso, isso pode acontecer quando nos desligamos dos desejos incessantes, seja ao nos perdermos em algo belo, como a arte, ou ao abraçarmos uma vida mais simples e desapegada.

Neste sentido, podemos ver a relação explícita que existe do pensamento e conceito de felicidade para Schopenhauer ligados ao contexto contemporâneo, com o uso da internet e a sua facilidade na palma de nossas mãos está cada vez mais fácil satisfazer as nossas vontades nessa vida de sofrimento, alcançando um período de felicidade antes de cairmos novamente no tédio e sofrimento, como é explicado na filosofia de Schopenhauer. Esse ciclo vicioso nunca esteve tão rápido quanto nos últimos anos com a sociedade de consumo sempre se atualizando em múltiplas formas, imagens e discursos, que se produzem e enlaçam no contemporâneo e nos



permitem a experimentação de novas sensações e relações momentâneas.

A maior dificuldade dessa pesquisa é que falar sobre a felicidade nos dias de hoje significa falar sobre nós mesmos. O imperativo da felicidade não é apenas algo que observamos de fora; ele está presente no nosso cotidiano, moldando nossas escolhas, pensamentos e emoções. Como parte dessa sociedade, somos tanto causa quanto consequência desse fenômeno. Isso torna o desafio ainda maior, porque estamos todos, de certa forma, presos a essas imposições sobre o que significa ser feliz, o que exige de nós um esforço constante para olhar com senso crítico para algo que também nos afeta profundamente.

REFERÊNCIAS

CAMALIONTE, Letícia George; BOCCALANDRO, Mariana Pereira Rojas.. Felicidade e bem-estar na visão da psicologia positiva. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v.37, n.93, p.206-227, 2017

CORRÊA, A. M. do R. (2022). **O Estado do conhecimento em publicações científicas**: entre teorias, práticas e metodologias. *Devir Educação*, 6(1), e-528

GERMER, Guilherme Marconi. A busca da felicidade: nosso erro, ilusão e existência fundamentais, segundo Schopenhauer. **Revista Voluntás**: estudos sobre Schopenhauer- 2º semestre, v. 2, p. 113-127, 2011.

LENOIR, Frédéric. **Sobre a felicidade**: uma viagem filosófica. 1a ed. – Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Unesp, 2005.



Recebido em: 30/01/2025

Aprovado em: 08/02/2025

COMO CITAR:

SILVA, M. L. B.; LÓDE-NUNES, M. A. A felicidade para Arthur Schopenhauer.
REBESDE, v. 1, n.1, p. 1-18, 2025.